

Grupo de Trabajo: O sintoma e o corpo

Autor: Luiza Bradley Araújo – Intersecção Psicanalítica do Brasil

Dispositivo: Mesas de Grupos de Trabajo de Convergencia

Nas *Conferências Introdutórias*, Freud (1916-17/1996) se refere aos sintomas neuróticos como manifestações que têm um sentido e que têm uma conexão com a vida de quem as produz. Ainda no mesmo texto Freud ressalta a histeria e a neurose obsessiva, para se referir aos sintomas. Freud continua dizendo que o sintoma repete uma forma infantil de satisfação, deformada pela censura, que advém de um conflito. Na “Conferencia de Genebra sobre o Sintoma” (1975), Lacan diz que o sintoma tem um sentido e que só se interpreta corretamente, em função de suas primeiras experiências com a realidade sexual. Freud acreditava que podia enfatizar o termo auto-erotismo, na medida em que a criança descobre primeiro esta realidade sexual em seu próprio corpo. Lacan discorda de Freud e diz que é necessário saber que o encontro com sua própria ereção não é absolutamente auto-erótico.

O sintoma em sua natureza é o gozo encoberto. O sintoma se basta. O conceito de gozo, formalizado por Lacan, abrange a idéia de excesso, daquilo que está para além do princípio do prazer, associado à pulsão de morte, que foi atribuída por Lacan como uma pulsação de gozo que insiste na repetição da cadeia de significante inconsciente. Um significante representa o sujeito para outro significante. O sujeito aparece no intervalo entre esses significantes, na falha do discurso. Assim, o sintoma representa o sujeito. Entretanto, não podemos esquecer que o sujeito lacaniano não se refere ao Eu freudiano. O sujeito que aqui se fala é o sujeito do inconsciente, do desejo.

Vimos que a entrada do recalque determina a formação do sintoma e que este carrega consigo um sentido que será dado pelo sujeito. A metáfora paterna inaugura o surgimento do sujeito lacaniano no momento em que o insere no universo simbólico, da linguagem. Freud quando fala do Fort-Da mostra a entrada da criança nesse simbólico. Quando há falha na cadeia de significantes, também haverá uma falha no saber do sujeito sobre si próprio porque é através dessa cadeia que ele pode nomear o que lhe afeta.

A pulsão de morte é o lembrete da destruição possível do sujeito pela via do corpo. Um homem só apreende a si-mesmo pelo corpo, tornando-se por aí mesmo sintoma desta apreensão.

A realidade (psíquica) do corpo se determina imaginando este dejetado de ser um nada (ser um nada e não « não ser nada»). Fazendo isso, este nada fragmenta o corpo, que se revela tanto mais apreensível em objeto quanto se lhe concede alguma significação, inclusive de vir em contrapartida ao falo. Trata-se deste corpo que se tem (pequeno a).

A língua pode ser considerada como uma história da letra. Para Freud, Lacan e Saussure a língua é um fato material que constitui o psiquismo quando se trata da linguagem pela palavra.

Um fragmento clínico. Ana, é a terceira filha. Tem 9 anos, me foi trazida pelos pais porque a Escola exigiu, senão ela não poderia continuar lá. Seus pais são professores universitários; um dos symptômes de Ana foi que já estava na 3ª série (cours élémentaire deux) e ela não conseguia ler. Após 3 meses de análise Ana lê correntemente.

Seus pais se queixavam da hora do almoço que era um verdadeiro tumulto. Ana não queria comer o prato que o pai fazia, dizia que não tinha fome.

Já vimos com Lacan que o symptôme faz parte da história familiar e não só da criança. A história de Ana aponta para uma grande valorização familiar do que é intelectual e uma angústia do pai: segundo ele Ana não come. Foi através desses symptômes que ela pôde pedir ajuda.

O symptôme está ligado ao nível da palavra matriz dessa parte desconhecida do sujeito, que não é apenas sua experiência individual, mas está integrado a todo um texto histórico, isto faz com que não seja uma coisa só sua, mas trata-se de algo que está entre ela e os outros.

O symptôme é real; é realmente a única coisa real, quer dizer que tem um sentido, que conserva um sentido no Real. É por isso que o psicanalista pode intervir simbolicamente para dissolver **dissoudre** o Real (Lacan15/03/77).

A leitura e a falta de apetite na hora das refeições foram as formas que Ana encontrou para mobilizar os pais.

No Sem Mais ainda em 09/01/73 Lacan continua dizendo que a letra se lê. Parece mesmo ser feita no prolongamento da palavra. A letra se lê e é literalmente lida. Ler as letras separadamente não é a mesma coisa que ler fazendo ligações. Ana sabia escrever mas não sabia ler. Não devemos confundir a letra do alfabeto que Ana conhece com o conceito de letra de Lacan.

Segundo Lacan a letra faz obstáculo ao gozo, mas sua função é dupla, ela presentifica o desejo incestuoso e o interdito. A característica da letra é de testemunhar um recalque. A letra dá acesso à verdade do desejo e também à verdade do gozo, gozo fálico do lapso. O lapso mostra bem que é de uma letra que se trata.

Lacan, no início de seu ensino em 08/12/54, no Sem. O Eu, já diz que o symptôme , seja qual for, só fica resolvido quando o analista sabe onde deve portar sua intervenção.

Quando a mãe descobriu que estava grávida queria abortar, mas devido a convicções religiosas resolveu não abortar. O pai também não queria mais um filho devido às dificuldades da vida, porém preferia que a mãe não abortasse também por convicções religiosas.

Quando Ana nasceu talvez não tenha encontrado lugar de filha na família. Sua mãe cuidava dela sem muito entusiasmo. Seu pai dizia que ela precisava se alimentar bem.

Ele me falava de Ana, como se ela fosse muito magra e quando a vi pela primeira vez, fiquei surpresa porque Ana era uma criança normal, nem gorda nem magra e tinha uma boa altura para sua idade.

Um symptôme é sempre um symptôme inserido em um estado global do sujeito. O symptôme se instala sobre vários campos. É o que foi definido como não parando de se inscrever, isso é um obstáculo para que a criança se desenvolva.

Após algumas entrevistas com o pai de Ana, fiquei sabendo que, em criança, ele tinha perdido um irmão morto de fome durante a 2ª guerra mundial. O que provavelmente tinha deixado muita culpa nele, pelo irmão ser ainda bem pequeno. Ana desconhecia essa história do pai. Sabemos que o recalque retorna.

Ana falava de não conseguir ler e da dificuldade de comer na hora das refeições, não tinha fome, depois comia biscoitos que a mãe lhe dava e ela gostava bastante.

A mãe dizia que as refeições em casa eram um verdadeiro inferno, o pai gritava que Ana deveria comer toda a comida que ele tinha colocado em seu prato, Ana chorava que não estava com fome e não queria comer.

A letra vem em lugar de um significante que faz retorno. Ela vem para marcar um lugar, o lugar de um significante, que é um significante que se arrasta. **traîne**. A letra é feita para isso (Lacan, Sem. Ou Pior de 15/12/71).

Numa ocasião ante a insistência do pai, Ana vomitou. O pai obrigou-a a comer o vômito, perguntei por que ele tinha feito isso? Ele falou que senão ela morreria de fome e eu perguntei: Como seu irmão?

Os traços da morte desse irmão retornaram através de Ana que não entendia o que estava acontecendo e por que o pai ficava tão zangado com ela.

O lugar desse irmão foi ocupado por Ana junto a esse pai, ela não podia ler porque não sabia de sua história familiar e não queria saber de lê-la.

Há coisas que sabemos, há coisas que não sabemos e há coisas que não entendemos. Tanto Ana quanto seu pai não entendiam o que estava acontecendo. Podemos fazer os lapsos auditivos, há letras que não são audíveis. A criança lê sobre os lábios da mãe a pronúncia das palavras. O inconsciente se lê. A mãe cuidava de Ana sem muito interesse.

Ana sabia escrever mas não conseguia ler. A escrita não é do mesmo registro que o significante. O significante é uma dimensão que foi introduzida pela lingüística. A lingüística não é algo espontâneo no campo em que se produz a fala. O discurso científico a sustenta.

Lacan, no Sem. O momento de concluir, em 10/01/78 diz que o inconsciente é o que faz mudar alguma coisa, isso que chamamos de sinthome, o sinthome que Lacan escreve com a ortografia que conhecemos. O simbólico é a linguagem; quando aprendemos a falar, isso deixa traços. Os pais de Ana não queriam mais um filho na família. A fala dos pais também deixa traços e conseqüências que é nada mais nada menos que o sinthome e a análise consiste em se dar conta do por que esses sinthomes, logo a análise está ligada ao saber. O inçonsciente é isso, isso que aprendemos a falar e por isso deixamos à linguagem sugerir toda sorte de coisas.

Depois de alguns meses de análise o pai deixou de se preocupar com a comida de Ana e as refeições passaram a ser agradáveis. A mãe resolveu que Ana só comeria os biscoitos depois que almoçasse e Ana passou a comer normalmente.